

RUBEM BRAGA

Mais um Vietnam?

«PRECISAMOS abrir dois ou três Vietnams na América Latina...» Não me lembro se foi algum líder cubano ou um membro da OLAS quem disse isso.

A idéia me parece, em todo caso, monstruosa. Imagino o Brasil transformado em um enorme Vietnam, com seu Norte e seu Sul, seus Vietcongs e seus fuzileiros americanos, os bombardeios arrasadores e os trucidamentos praticados de um lado e outro. O pior é que esse lindo sonho revolucionário — que para mim é um pesadelo — é algo que não chega a ser provável, mas é possível de acontecer.

Trabalham para isso os aprendizes de terroristas e os aprendizes de guerrilheiros, os provocadores de toda a espécie e os que se põem, por interesse ou paixão, a serviço de potências estrangeiras. Trabalham para isso as «certas rodas militares», os «certos círculos» misteriosos que fazem ameaças e pressões e conspiram sem cessar, os homens da «linha dura» que «não admitem» isto ou aquilo. Trabalham para isso os policiais e militares que tratam com arbitrariedade e violência os jornalistas, os estudantes e os religiosos. Trabalham para isso os governantes que descrêm do povo e da própria autoridade, e só se sentem capazes de governar, armados de leis infames; os que eternizam a cizânia entre os brasileiros, os que protegem os torturadores e assassinos e atentam contra a liberdade de pensamento e de reunião. Trabalham para isso os que exploram e oprimem o trabalhador da cidade e da roça, o patrão insensível e egoísta que não quer admitir os novos tempos e se agarra a seus privilégios; o político e o burocrata corrupto ou incapaz, que serve a si mesmo e desmerece a Nação.

É preciso dar ao povo não apenas liberdade como horizonte social, não apenas justiça como esperança e fé; que ele sinta que deve ascender com o Brasil, e que construir um país forte e livre é uma tarefa dura, mas necessária.

Não queremos ser um novo Vietnam, nem uma nova Detroit, nem uma nova China, nem uma nova Índia, não queremos massacres nem incêndios, ódios ideológicos e nem ódios raciais, ódios de classe, nem ódios de castas: queremos e podemos ser uma grande e nova democracia, capaz de dar ao seu povo educação, saúde e conforto e se afirmar como um grande fator de paz e de progresso no mundo. Para isso precisamos trabalhar com a cabeça e o coração.

Ou nos transformamos pela base, ou sucumbiremos; ou progredimos ou desapareceremos; estamos condenados à civilização. Quem disse estas coisas, com estas palavras ou com palavras idênticas, foi Euclides da Cunha. Ele era um grande; e ele sentia que estamos condenados a ser grandes ou a não ser nada.

DN-9.8.67

328